


UMA PERTURBADORA GEOMETRIA
**Lírico, melancólico e trágico em
Aquelas criaturas tão estranhas,
 de Geraldo Maciel¹**

Paulo Tarso Cabral de Medeiros

Arabescos, debruns, filigranas, arremates de fios dourados. Algumas justas, outras folgadas, mas sempre com essa matéria-prima que tenta dissimular a pobreza sob uma descuidada imitação do fausto.

Esta citação (do conto “Lezama”) fala por si. Carlos Drummond de Andrade, em seu clássico poema sobre o fazer poético, depois de provocadoramente enumerar séries de denegações, indaga ao aprendiz-que-sonha-em-fazer-poesia: “trouxeste a chave?”.

A bem dizer: a chave que abre as infindas decifrações de um poema, de um conto, de um livro devem estar colocadas, não no imaginário de cada leitor nem numa suposta objetividade do poético encerrado nele mesmo, mas lá dentro do livro, espalhados pelo criador sob a forma de rizomas, galhos, ramificações que vão-se somando, e resultando, para o leitor atento, numa espécie de chave-mestra que tem o dom de abrir-por-dentro o emaranhado expressivo, por esta linguagem criadora que executando uma torção na linguagem comum, embora dela se utilizando, transfigura a linguagem corrente e inventa novos reinos, e convida o leitor a procurá-la; chave-mestra que, na verdade, é um imenso e inacabado molho-chaveiro pronto a abrir outras e mais outras portas desfolhando-se, desdobrando-se em mundos até então nunca visitados.

* * *

Certa vez Geraldo-Barreto-Maciel mostrou-me um gasto caderno de capa dura em que, bem guardado numa rústica morada alternativa, rabiscou suas primeiras histórias, o caderno no colo, a cadeira na varanda e o burburinho revolto do mar da Baía da Traição. Primeiros momentos de uma gravidez, destituída de glamour, ao contrário das lendas

de escritores-em-estado-de-delírio-a-compulsivamente-escrever. Não. Pelo que pude entrever, o processo de criação de Geraldo (o “nome Barreto” é sua brecha errante: a dobra na valise-esquiza) pareceu-me sempre convergente com aquela aristotélica paixão medida, definição virtuosa tanto do amor quanto da criação - que Drummond milênios depois definiria num sugestivo poema.

Virtudes da racionalidade, aquele mesmo metro *raisonnable* que reencontraremos na condução destas estranhas e poéticas histórias espalhadas por estes contos breves que compõem o admirável “Aquelas Criaturas tão Estranhas”, recém-publicado pela Editora Rio Fundo, como parte de um projeto amplo, e muito bem-vindo.

Infelizmente o projeto vem denominado com o selo “Literatura Regional”, para marcar uma coleção que visa acolher e divulgar o que de mais produtivo novos autores de diversas regiões desta terra *brasilis* vem produzindo hoje. Uma marca equivocada porque limita a expectativa de um potencial leitor que busque o prazer de ler, e limita o próprio livro, como a sugerir que se trata de uma ilusória “representação literária da Paraíba”.

De todo modo, equívocos de linha editorial à parte, é um imenso prazer pensar o livro de Geraldo Maciel. Um bom livro, dizem alguns filósofos, é justamente aquele que dá a sentir-e-a-pensar. Exercitar o pensamento com prazer é, além de um momento íntimo de felicidade (a leitura, dizia Borges, é “uma forma nobre de felicidade”), um modo de tentar partilhar a alegria que é poder saudar a chegada de um novo e excelente escritor, especialmente num país cujo tom literário das últimas décadas (com exceção dos já-grandes e de meia dúzia de emergentes craques da escrita) tem sido o da mera mediocracia publicável.

* * *

Tradição e modernização. Permanência e mudança. Ruínas e novidades (algo vazias). É no âmago das tensões entre estas relações de força que escorre a prosa lúcida e sensível de Geraldo Maciel.

Amalgamada de férteis analogias orgânicas, de cortante geometria poética, que se poupa do recurso das assonâncias e aliterações (Graciliano e João Cabral devorados), mas insinua vocábulos inusitados, outros de origem regional, a presença de metáforas surpreendentes e

adjetivações inesperadas, compõem as bases de sua matéria-prima: histórias insólitas ou aparentemente comuns com desfechos imprevisíveis, abordagens e ambientações inéditas, e sedutores personagens envoltos em prosa elegante, de fino e sutil traçado.

Há uma métrica, uma régua (como se fosse a de Moebius) procurando encontrar racionalidade em estradas tão curvilíneas, côncavas e desconexas quanto o rumo e a sina, a graça e a desgraça dos personagens. É como se Geraldo Maciel a todo tempo se perguntasse, como bom engenheiro, para quê irracionalidade se tudo é cartesianamente organizável? E para quê racionalidade, matemática poética se tudo é concretamente sem reta, sem curvas, sem trajeto programável? Se as histórias, afinal, misturadas de Apolo e Dionísio, vazam, escapam para outras, margens e beiras, miragens e fragens, em modulações tingidas de melancolia e moderníssima percepção em relação ao irreversível, ao inevitável, ao imponderável, ao senso trágico da vida, enfim, mas despido de dramas imobilizantes?

Se há algo de próprio e de local nos contos de Maciel ele, por mestria literária, os torna singular e universal, pois eternos temas como o sentido da vida, a relação homem-mulher, as relações terra-trabalho-trabalhador, a relação consumidor-meios de massa introduzem neste fulcro tradição-modernidade a grandeza na precariedade, a beleza na fealdade, a indignação e o tanto de dignidade que há na servidão, o belo no banal, ou para dizer com Lukács, experiências cruciais de personagens que, a seu modo, procuram a autenticidade num mundo degradado pela mercadoria.

Em geral nos contos a tradição não se cumpre: é perseguida, visada, mas a ela não se retorna jamais, o ciclo não se fecha, algo se quebrou, e o inesperado irrompe sempre, desorienta, desnorteia, desloca o que outrora era fixidez e ordenações sem sobressaltos.

A modernidade, por sua vez, nunca é plenamente realizada. Simulacros, decalques, novidades que ao final revelam-se ocas, indicando que também por aí algo não se cumpriu.

Nem tradição nem modernidade, pois. Desvio, torção, desajuste, a lembrar a célebre análise de Roberto Schwarz sobre Machado de Assis, e de novo reencontrando um rosto-brasil onde, nos versos de Caetano Veloso “aqui tudo parece que é ainda construção e no entanto já é ruína”.

* * *

Como na maioria dos contos, “Estradas”, por exemplo, contém surpresas. Trata-se de uma espécie de revolta da estrada contra a engenharia; um trabalhador que gostava da seca porque lhe fornecia trabalho, e perplexo com sua prece algo auto-contraditória, impotentemente esperando por uma dádiva divina para que se façam estradas.

Este e outros contos tem algo da melhor literatura moderna: o comentário, reflexivo, filosófico, sociológico, como em “Aqueles criaturas tão estranhas” (que dá título ao livro) onde a descrição do desenvolvimento da modernização e suas consequências faz a (triste) passagem para a recusa deste novo mundo pelas protagonistas.

Em “Estradas” o que faz vibrar é a poetização da experiência de Pompeu mesclada às observações sobre as diferenças entre as estradas da saudade “que não levam a parte alguma, naturais, de barro carroçáveis” e as estradas “negras, científicas”, “obedientes”, com “princípio e fim”, “retas e orgulhosas, embora ainda concedam uma curva, uma lombada, necessitem um corte, o que decepa e muito o seu aprumo planejado”.

Ali o sabor da leitura advindo da tensão entre a crítica ao tecnocracismo confrontada com a sabedoria popular. É justamente esta pregnância do imprevisível na tradição, culminando por deslocar a própria definição de tradição, minando-a por dentro, esmigalhando o estereótipo que, por obra de uma mestria perturbadoramente geométrica, converte-o em recriação epifânica.

Em outro conto, “Solingen”, aspira-se o clima regional (será preciso problematizar esta palavra). Um serviçal que vira barbeiro porque assim quer o ‘coronel’ (“um metro e cinquenta de pessoa, dois metros e vinte de autoridade e empáfia”). Aqui a submissão e a servidão tensionadas oscilam, enxada (na memória) e gilete hesitam entre a servidão e o acerto de contas, a faca-só-lâmina de João Cabral encarnada: forma já é conteúdo e o conteúdo forma.

Altamente poético, em “Solingen” (nome-meio-assombrado daqueles antigos estojos de navalha) tem-se uma tênue tensão atravessando todo o conto, mas uma tensão lírica, sem perder a eventual gravidade dos gestos imponderáveis que poderiam suceder; no fio da navalha percorre o leitor, encantado, levado pela condução magistral e suave da linguagem, o ser e o não-ser, o tornar-se ou não barbeiro (ó ódio na ponta da lâmina a pulsar), e cada apetrecho e movimento rolando na consciência, no pânico do barbeiro, graças à preciosa analogia com os apetrechos e movimentos

do cuidar da terra e dos bichos.

Sempre um clima insólito percorrendo os contos, como no “Dever Cumprido”: o respeito à tradição (mas a quem importa a tradição se não àqueles que a cultivam e a querem transmitir a novas gerações?) conflitando-se com o impulso ao novo para tentar desfazer-se do velho (de nada vale aqui reduzi-lo a mero conflito de gerações, porque, como no livro todo, se trata sempre de ir mais fundo, de reescrever contra o senso comum dado).

E tudo num tom melancólico, triste, o inefável, inconsolável sentido de uma perda irrecuperável, irreparável, nunca plenamente preenchida pelo novo - sair, buscar a cidade grande resulta, afinal, numa vivência algo oca, sempre um quê de lacuna, um espasmo duradouro de falta, no fundo a impossibilidade no limite tanto de ir quanto de ficar. Paralisia e movimento. Permanência e mudança.

* * *

Em relação aos personagens, é nítida uma carinhosa inclinação pela marginália social (não certamente aquela falecida romantização em torno da malandragem, mas dos que inventam seus modos e mundos abaixo da linha da cidadania, excluídos que se sabem fora dos mundos civis), o que, aliás, nada significaria não fosse esteticamente bem realizada em prosa duradoura e infensa às oscilações conjunturais.

Faz parte da agradável surpresa que é este primeiro livro o fato de que Geraldo Maciel não romantiza os sem-nome, seja em versão cepecista, populista ou que forma assuma as cansativas idealizações redentoras. Recria-os, melhor seria enfatizar: inventa-os, na sua densidade viva, plenos de complexidade, rudes e delicados, por onde o autor vai enleando os solidários contatos de sua empatia.

Os personagens de “Aqueles criaturas tão estranhas” como que entoam um canto de estranheza, cântico de clamores, rumores e amores servis, mas também febris, numa ordem quase feudal, paternalista, autoritária e clientelista: feições de século XVIII incrustado como um incômodo cancro na modernização desigual do país; uma cantora de circo (“e a moça do circo tinha o rosto de sua mulher ou seria sua mulher com os peitos da moça do circo?”), de “Aniversário” - de onde alias entrevê-se a beleza das construções literárias do livro, a poesia oculta e desvelada

de uma espiga de milho: “As espigas de milho rachavam as palhas num sorriso vertical, derramando sua cabeleira ouro sobre as veredas, subindo as cercas, atapetando os leirões”), pequenos sitiantes, um trabalhador sazonal de estradas-a-construir, mendigos, prostitutas, desalojados, forade-esquadro, mulheres carentes & sonhadoras, professoras primárias, desgarrados.

Além da solidariedade com os que estão à margem, ressalta a impressionante sensibilidade do narrador para situar-se como que dentro-das-mulheres, na melhor tradição literária de Machado de Assis a Chico Buarque - para ficarmos só no Brasil.

Mulheres: voz feminina, de dentro, sensível, quase sempre dispensando rebuscadas teorizações inúteis - como nos inacreditáveis “Meus meninos” e “Sandro Moretti não cria rugas” além do conto que dá nome ao livro.

“Aquelas criaturas tão estranhas”: mulheres que, diante da invasão do progresso recusam “silenciosas, as honras e o convite para a festa de inauguração”. E dispensadas pelo irremediável traçado que o novo tempo lhes retirou “riram levemente, olhando-se entre si”. Antes, elas poderosas: “Quando foram ungidadas as três com tantos poderes? Onde, além daquele casarão labiríntico, teria ocorrido a festa de sagração? Por que dos gestos, do brilho da íris, da conformidade das faces, fluía aquele mistério que impunha a todos o peso do consentimento e da obediência?”. Cada uma com sua habilidade, suficiente para as necessidades, as demandas: “de tão simples afazeres retiravam elas todo o respeito, temor e poder?”. Mas, acontece de “um dia essa faculdade que os homens têm, compartilhada com os cachorros vadios, de em tudo meter a mão, e que alguns chamam a marcha da história, outros o progresso inevitável, descobriu o feudo das irmãs. Rompeu-se o dique das serras. Um cilindro de poeira cor de bronze empurrava um caminho cheio de homens. Daquela terra onde a vegetação nunca dá sombra começam a brotar caules de concreto espichando cipós de alumínio.

O tempo passa a ser domado pela folhinha. A energia elétrica altera a duração dos dias e das noites, o telefone baldeia a noção de distância e presença, o dinheiro esmaece a importância das coisas.

O poder cadastrou os eleitores e as igrejas cercaram as almas. A livre iniciativa instalou a liberdade. E viram todos que rapidamente andava a construção da igreja, com o quadrado dedo de Deus apontando

para o alto; um mercado público de pronto começa a se erguer e também a escola, a casa de partos.”

Involuntariamente ou não, um pouco ao modo como Kafka em sua linguagem depuradíssima e sem adiposidades usa de uma extrema racionalidade para nos conduzir a delirantes labirintos, criando aquela sensação de estranhamento absoluto suportado por uma linguagem cruelmente lógica e coerente, este magistral trecho deixa ver como objetividade descritiva não significa dureza mas abertura-de-mundo extraída de um concreto que se apreende poeticamente, mesclado de uma lucidez estranha e encantadoramente lírica.

Ainda “Aquelas criaturas tão estranhas”: entre tradição e modernidade ganha relevo o mistério de mulheres como Clotilde, Aurora e Donabela. A força da inscrição de seus gestos, como que dominando um território amplo cuja transformação as vergará melancolicamente em ruínas. E “até hoje, alguns relembram com medo e estupor aquela agonia da natureza, a grande revolta dos elementos” (deixo o suspense para o leitor conferir).

Em “Sandro Moretti não cria rugas”, moça pobre, leitora de fotonovelas, induzida pelo pai a casar, previda pelo marido a ter filho-homem...e o horizonte sempre promessa-de-felicidade das fotonovelas:

“A única forma de não pensar no meu destino é ficar lendo sobre o destino dos outros, em fotonovelas. É minha única diversão. Pelo menos eu vejo que não é só comigo que a vida brinca. Ela brinca com quase todo o mundo, e, pelo menos na revista, tudo começa do mesmo jeito: sofrimento, infelicidade, humilhação e depois, já no fim, a alegria. Mas, mesmo na revista, são dez quadrinhos de tristeza para um de felicidade. A única vantagem é a felicidade vir no fim. Gosto muito da palavra fim, por isso.”

Vale como ilustração do enorme prazer da leitura que o livro proporciona: voz feminina, de dentro; sensibilidade e racionalidade convergindo; onde o final da estória, diferente do das revistas, não é propriamente um happy end mas é extremamente prazeroso para a narradora que, neste encontro entre felicidade e morte, parece dizer também que este tipo de emoção intensiva, louca, radical, é melhor que os finais sempre resolvidos e mornos das fotonovelas.

* * *

Lembrando Malraux, que diz “quão longe é a iniciação do escritor à sua própria voz”, nota-se aqui e ali, problemas de adequação entre material narrado e registro linguístico do narrador.

Veja-se este trecho: “Um dia o velho virou-se para os dois filhos e disse: hoje eu vou morrer. Quero água para lavar os pés e peço para vocês que me façam a última vontade: quero ser enterrado em cemitério cristão. Depois disso vocês tomem o destino que acharem mais conveniente”. (“Dever Cumprido”). O grifo é meu e o problema é este: um velho habitante de um ermo diria, de fato, frase tão bem delineada e elaborada, e ainda usando o adjetivo “conveniente?”

Trata-se apenas de tentar mostrar um risco que a escritura por vezes parece inclinar-se (felizmente para o leitor são raros estes momentos): o da inadequação entre a racionalidade ampla de um narrador onisciente que tende a tudo ver, abarcar e controlar, e por isto se confunde enredando-se e adentrando em planos incompatíveis com o platô linguístico de um ou outro personagem, ora não correspondendo a necessidade ulterior da trama ora recaindo em incoerências com o perfil do personagem. Riscos por certo provenientes da quase-total opção pelo ponto de vista do narrador onisciente.

O conto “Lezama” também mostra claramente este problema que Geraldo Maciel terá que enfrentar/encarar em seus próximos trabalhos: quem fala? o narrador ou o personagem? Veja-se este trecho de “Lezama”: “(...) Aqui, comentava sarcástico, trago a alegria das crianças, a diversão dos mais velhos, os perturbadores da ordem pública, o correio da má notícia, os sussurros pícaros, a contabilidade dos infortúnios maritais, e o gozo reticente das semidonzelas. E nada mostrava. Nunca mostrava seus bonecos antes do espetáculo. Eles estão descansando, dizia.”

Pois bem: dizia? Tudo isto? Quem fala, coloquialmente, “sussurros pícaros”, “a contabilidade dos infortúnios maritais”, “o gozo reticente das semidonzelas”? Ora, é sempre o narrador. A voz indireta. O uso da terceira pessoa. Um problema formal, técnico, que aqui e ali, sem perda da enorme qualidade do livro, aflora.

De qualquer modo, num livro de vinte e dois contos, pelo menos catorze têm qualidades inegáveis de boa literatura, outros quatro são absolutamente geniais, e de forma geral, o livro contém centelhas de grande prosa: qualidades muitas de que a literatura brasileira anda carecendo, e muito.

* * *

Importa então fruir em todo o livro sua imensa poeticidade, sustentando olhares solidários e líricos: frases melodiosas, e muita habilidade rítmica. Clareza e surpresa confluindo em prazer da leitura num livro cujo tom é o de um lirismo melancólico e trágico.

Em “Lezama” os parágrafos tem ritmo sustentando o difícil equilíbrio entre delicadeza e densidade, leveza e substância, uma pulsação (agregando lucidez poética & melancolia) de que deriva -problemas à parte - o encanto do conto, que é também de modo geral o do livro.

Ao contrário do confuso primeiro parágrafo de “A vingança de Pascoalzim”, em “Lezama” o leitor é já imediatamente instalado. Não que a técnica de ocultamento e disfarce nas primeiras linhas, páginas ou parágrafos seja ela mesma defeito; não. Mas ocorre que alguns contos (“Estranho amor”, “A vingança de Pascoalzim”) não se realizam plenamente. Onde o artifício do despistamento embaça, dificulta, já que a técnica não dominada impede que a sugestão enigmática atraia o leitor, seduza-o a ver-se de repente instalado noutra reino. Como diz Merleau-Ponty: literatura: invenção de mundos via recriação expressiva da linguagem. E Gilles Deleuze: uma vez desterritorializando-se a linguagem usual só vale aquela literatura que diferenciando-se faz diferença.

Insisto: em todo o livro, uma poeticidade imensa, sustentando olhares solidários e líricos: frases melodiosas, ritmos ora mansos ora agudos como um solo alongado de guitarra; uma habilidade rítmica nos grandes momentos do livro - que não são poucos. Prosa rara que suscita estranhamento, expande sensibilidades, dá a sentir e a pensar diferentemente: na verdade a definição mais essencial de literatura.

De Geraldo Maciel pode-se dizer o que ele descreve do personagem Lezama: “tenho a impressão de que ele misturara a leitura de D. Quixote com algum verso de feira. Era nosso pacto de fantasia” - eis aí um modo de definir, por dentro, abertas algumas chaves, sua bela obra.

Como se debateu certa vez, digamos que ler Geraldo Maciel é como ler Virginia Woolf e não Simone de Beauvoir. Esta quer dizer experiências, e aqueles fundamentalmente mostram-nas, e oferecem ao leitor a brincadeira mágica de ver-e-sentir - a arte dispensando argumentações em linguagem corrente.

Assim, o efeito poético destes contos perdura, permanecendo

sugestivo, capaz de fundar no leitor uma aquisição. E mais: parafraseando Merleau-Ponty falando de Stendhal, graças à Geraldo Maciel podemos viajar até lugares desconhecidos, conhecer pessoas, imiscuir-se em atmosferas ricas, densas, surpreendentes que, pela operação expressiva e criadora da linguagem nos arrasta a esses mundos, os quais, sem ele jamais iríamos, e neste trabalho da obra que é a leitura, quando deles retornamos já não somos mais os mesmos que virtualmente éramos antes do gesto mágico de abrir o livro.

O tema de Geraldo é o da pequenez e da grandeza humana. Para o bem e para o mal. A percepção que a prostituta de “Meus meninos” tem dos homens, o comprova:

Tenho a impressão de que esse cubículo tem paredes de vidro e que todos me olham quando recebo os homens. É por isso que gosto do escuro.

Já tive nojo. Me sentia como um saco de mendigo, um sanitário público onde os homens vêm jogar a sua gosma e, indiferentes, atiram uma moeda ao porteiro. Hoje acho que é só impaciência e resignação. Esses poucos minutos duram demais. Às vezes sinto também uma certa piedade quando vejo neles as carnes tremendo na expectativa de minhas carnes indiferentes; aquele cuspe viscoso queimando no saco entre as pernas; a respiração forte como se fossem ter um ataque. Como são fracos os homens nessa hora! Esperneiam, babam, gemem, gritam e caem desfalecidos como bonecos quando acaba a corda.

(...) Mas isso não é nada. Pior é a humilhação de não responderem meu bom-dia na calçada; justamente aqueles que mais babam no meu pescoço, mais tremem, mais se humilham se lhes recuso meu sexo. São sujos esses homens! Barbas fedendo a sardinha, corpos enebados, hálitos de cachaça e fossa. São assim os homens que me visitam. Não gosto deles. Gosto mais dos velhos. Não mordem nem arranham. Quase não fazem escândalo. Parecem até pedir desculpas por virem aqui. É como se eu estivesse brincando com meu avô. Acho que vêm para tirar um pouco de calor do meu corpo. Querem mais a quentura da minha pele do que a umidade do meu sexo. Alguns até se emocionam se eu aliso um pouco seus cabelos.

Mas a compensação vem dos meninos. Os meninos quando vêm, quem se emociona sou eu. Às vezes choro. Não de vergonha ou pudor, mas de alegria. Eles é que me dão o calor que

eu passo para os mais velhos. Não me viram a cara na rua. Me olham com carinho, riem do que imaginam ser nosso segredo. Eu os abraço como se fossem filhos aos quais não se dissesse o que é pecado. E cheiram. Cheiram a capim, queijo fresco, a gente. Com eles é como se fosse uma brincadeira. Com eles é uma coisa que não mancha, que não marca com o ferro da vergonha ou do pecado.

Mas todos vão mudar (...).

Este magistral trecho condensa a grandeza formal e temática do livro. As outras partes eu não vou reproduzir: vale como mais-um-convite à leitura deste tipo de preciosidade, sensibilidade e agudeza, despida de moralismos tolos, num estilo enxuto, de uma delirante sobriedade, empatia e aderência ao mais-que-íntimo dos seres sem-nome.

Há sempre algo de grandeza na mediocridade (como no delegado de vilarejo do conto “Frágeis bolhas” - preso em sua própria cela de insignificância, dores de cabeça, lembranças e angústia); há muita poesia e cintilância nestes seres anônimos, desimportantes, os sem-nome. “O que posso lhe contar?” é uma impressionante narrativa de um pai que lentamente asfixia seus filhos pequenos, adormecidos e com fome: nem remorso nem justificação, nem culpa nem expiação, mas uma descrição terna, sem sentimentalismos, contundente, límpida e intensa. Para quê mais?

E o “Banquete”, que se inclui nas pequenas obras-primas do livro?. Um rigor cômico na descrição enxuta, um trágico sóbrio... prestes a gargalhar, mas contido - sinta o leitor o frêmito entre a sobriedade do estilo e a inacreditável tensão entre as forças da miséria e da política em torno do banquete, o fausto.

E “Aldomário, o magnífico”, perfeita ilustração, aliás, de que, a rigor, não haveria necessidade alguma de enquadrar a rica produção literária de Geraldo Maciel, nem como “regional”, muito menos, apondo-lhe o subtítulo “Paraíba”.

Temos em “Aldomário...” um cubismo produzindo os melhores efeitos, uma realização de primeira das melhores conquistas do modernismo (a percepção fragmentária do espaço urbano, o estranhamento existencial - à lá Clarice & Drummond & Oswald - e o absurdo-cômico (Machado de Assis / Murilo Rubião / e García Márquez também arfam por aqui).

Mas de que vale este elenco de supostas e eventuais “influências”? Quase nada, não fosse para mostrar a inocuidade do (falso) conceito do regional na literatura. E do (falso) problema das influências literárias. Na verdade, o conto cuida de investigar, descrever, fazer a prospecção de estados alternados de percepção, experimentações esquizas do corpo, conforme as oscilações meramente circunstanciais, rigorosamente materiais (um mundo com óculos, um outro mundo sem óculos - que Aldomário é livre para experimentando escolher).

Para falar com Leon Kossovitch, um intérprete de Nietzsche, “da perspectiva das influências”, qualquer questão em torno de situar Geraldo Maciel nalguma vertente genealógica da literatura, “é insolúvel, pois importa no emaranhado de uma causalidade complexa”. E mais importante: “no mais, é um falso problema: a intertextualidade devora a diacronia, e a originalidade não deve ser interpretada à luz de noções reativas, como a de influência” (In: *Signos e poderes em Nietzsche*. São Paulo, Ática, 1979).

Contemporaneamente, a própria noção de autoria é radicalmente problematizada pelo pensamento francês borgeanamente filtrado por Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, entre outros. Mas por ora podemos apenas reter estas definitivas palavras de Merleau-Ponty: “Os empréstimos do homem ao homem são tão constantes que cada movimento da vontade e do pensamento toma ímpeto nos outros, e que, assim sendo, fica impossível determinar, a não ser de um modo estimativo, a cada um o que lhe cabe.” (In: “A linguagem Indireta e as Vozes do Silêncio”. São Paulo, Abril Cultural (Os Pensadores), 1980).

O fato é que em “Aldomário...” e outros contos pulsa uma tensão existencial profundamente imersa no redemoinho da vida urbana que o Nordeste (até quando será preciso informar isto aos brasileiros do eixo centro-sul?!) também possui. Ora, isto se chama apenas e tão somente excelente literatura. E ponto.

E não há julgamento de valor explícito; há cansaço, novidade, encantamento, estranhamento, decepção. E liberdade para se entrelaçar com os outros, mas liberdade que o condena à escolha. E Aldomário escolhe, num efeito fantástico do conto, voltar àquela sua vida anterior na qual, sem os óculos, a vida parecia-lhe mais viável, compreensiva e alegre.

Amadurecida por uma linguagem poeticamente elaborada, na

leitura partilhamos de experiências desta estranha gente excluída porém grande, virtuosa, sensível, sonhadora, mas também ingênua, vil, mediocre. Não há concessões na prosa de Geraldo Maciel. Há pluralidade de gestos nuançados, produzindo e revelando os múltiplos nexos entre miséria e riqueza espiritual destes anônimos brasileiros à margem, deixando ver suas esperanças, frustrações, baixarias e grandezas.

Livro profundamente moderno e atraente, cabe ao leitor querer compartilhar desta preciosa “matéria-prima envolta numa descuidada imitação do fausto.” Na verdade um fausto banquete literário: nobreza de tons que só a boa literatura pode propiciar. E o leitor celebrar.

Notas

1. Maciel, Geraldo. *Aquelas criaturas tão estranhas*. Rio de Janeiro, Editora Rio Fundo, (Coleção Literatura Regional / Paraíba), 1995, 118 pgs.